

A ENTREVISTA FENOMENOLÓGICA

Leandro Penna Ranieri – Universidade de São Paulo
Cristiano Roque Antunes Barreira – Universidade de São Paulo
Apoio: FAPESP

Resumo

O propósito deste trabalho é tematizar a entrevista fenomenológica como procedimento metodológico em pesquisa qualitativa, elucidando suas características principais e sua implicação com outros momentos da pesquisa fenomenológica. Tematizar este instrumento permite observar as implicações entre as etapas de pesquisa, também revelando, a partir de seus elementos essenciais, os princípios deste tipo de investigação.

Palavras-Chave: Entrevista fenomenológica, pesquisa qualitativa, procedimentos metodológicos.

Abstract

The purpose of this study is to develop the theme of phenomenological interview as a methodological procedure in qualitative research, explaining its main features and its implication with other moments of phenomenological research. Thematize this instrument allows to observe the implications among the stages of research, also revealing, from its essential elements, the principles of this genre of research.

Keywords: Phenomenological interview, qualitative research, methodological procedures.

INTRODUÇÃO

As rápidas mudanças sociais a partir do século XX exigiram, historicamente, o posicionamento de novas perspectivas investigativas, em diferentes áreas e para diferentes objetos – ou, pelo menos, outras faces dos mesmos. As ciências tradicionais, como as ciências naturais, passaram a não dar conta de explicar e, sobretudo, compreender os fenômenos que se dão na realidade. Novas perspectivas epistemológicas começam a surgir, a partir de metodologias próprias de investigação. Nesse sentido, para o estudo empírico, a pluralização das esferas de vida exige uma nova sensibilidade do ato de pesquisar, demandando também um apego rigoroso a essas esferas que são estudadas. Portanto, os próprios fenômenos – e sua complexidade – impõem um enfrentamento investigativo diferente (FLICK, 2004).

Nesse contexto, as ciências humanas e sociais ganham maior amplitude de atuação. O desencantamento do mundo e da ciência, a qual busca, através de métodos quantitativos e padronizados, objetividades causais, deixam de lado a preocupação com o homem e a situação. As ciências humanas e sociais visam preencher esta lacuna, a qual também representa um dos limites da pesquisa quantitativa. Nesse sentido, ganha espaço a subjetividade e as experiências humanas como objetos de investigação, como componentes das práticas cotidianas. Assim, o objeto é tomado em sua complexidade e em seu contexto e possibilita uma abertura metodológica: o objeto determina o método (FLICK, 2004).

As ciências tradicionais alegam ter uma objetividade maior ao fazer pesquisa, controlando variáveis, testando hipóteses e mensurando aspectos de determinado fenômeno. De outro lado, as ciências de natureza qualitativa também apresentam preocupações em relação ao rigor do pesquisar: delimitação precisa do objeto e construção metodológica adequada à natureza do mesmo. No caso de investigações que tomem a subjetividade como objeto de pesquisa, a necessidade de se ter um caminho apropriado para alcançar as experiências das pessoas por si só já configura um problema próprio de investigação. Que tipo de procedimento possibilita o acesso às experiências das pessoas? “Pesquisar a subjetividade enquanto tal não é

simplesmente produzir conhecimentos sobre ela, mas aproximar-se experiencialmente dela para só depois produzir um discurso expressivo (AMATUZZI, 2006, p. 96). Um dos caminhos propostos para o acesso às experiências vividas é a solicitação através de questionários e entrevistas, pois, segundo Amatuzzi (2006), é através da relação dialógica entre sujeito e pesquisador que é possível aproximar-se da experiência vivida.

A pesquisa fenomenológica possui peculiaridades que deixam em evidência o problema da entrevista em pesquisa qualitativa. Um primeiro aspecto são os princípios que norteiam a pesquisa. Por não partir de teorias prévias para se aproximar dos fenômenos, a fenomenologia exige um posicionamento radical e rigoroso. Um segundo aspecto é que as próprias reduções solicitam uma crítica e uma definição precisa do caminho investigativo (empírico) para se chegar aos fenômenos e suas essências. Sendo assim, o objetivo desta investigação é tematizar a entrevista fenomenológica como procedimento metodológico de coleta em pesquisa qualitativa, elucidando suas características principais e sua implicação com outros momentos deste gênero de pesquisa científica.

FENOMENOLOGIA

Edmund Husserl (1859–1938), considerado o pai da fenomenologia clássica, constituiu uma ciência voltada para o estudo daquilo que se manifesta à consciência intencional (*consciência de*). Fenomenologia como ciência e método teórico-filosófico rigoroso visa a reflexão sobre os fenômenos, aquilo que se manifesta, isto é, as experiências vivenciais. Numa explanação sumária, no tocante aos seus objetos e objetivos, o trilhar metodológico da fenomenologia predispõe o pesquisador a entrar em contato com o conteúdo da vivência pré-reflexiva, deixando de lado paulatinamente tanto o posicionamento prévio de uma ciência e suas teses, como aquilo que define e valora o objeto de estudo, como pré-conceitos ou pré-juízos. Como uma *atitude ou conversão fenomenológica*, há o esforço de partir sem pré-teorias ao olhar para o objeto, observando aquilo que é, deixando as coisas mesmas se manifestarem. Para que se possa chegar à vivência, esta manifestada em primeira pessoa pela narrativa, “é necessária uma nova *maneira de se orientar, inteiramente diferente* da orientação natural¹ na experiência e no pensar” (HUSSERL, 2006, p. 27) e *retorna-se às coisas mesmas* (HUSSERL, 2001) – momento este denominado de *redução fenomenológica* ou *eidética* –, na tentativa de atingir a constituição do objeto investigado, a fim de compreendê-lo e descrevê-lo (ALES BELLO, 2004). A partir desse caminho, pode ser possível *identificar* os significados das experiências vividas na vida de sujeitos típicos – sujeitos reconhecidos por terem vivenciado determinadas experiências –, na tentativa de *compreender* como estas experiências se configuram existencialmente e como são constituídas intencionalmente.

FENOMENOLOGIA E METODOLOGIA

Amatuzzi (1996) e Amatuzzi et al. (2006) apontam esquematicamente alguns passos norteadores da pesquisa e do método em pesquisa fenomenológica, incluindo e localizando a etapa de coleta de dados. Manzini (2004) também apresenta, de maneira mais diluída, o local e o papel da entrevista em pesquisa qualitativa. Esta seção destaca aspectos da elaboração lógica da pesquisa científica, vistos sob a ótica fenomenológica e orientados à pesquisa qualitativa e em fenomenologia.

Primeiramente, é preciso destacar o papel da definição do objeto e do objetivo dentro do processo investigativo. Pode-se ter previamente uma curiosidade de se conhecer como se configura alguma experiência; esta curiosidade é expressa por meio de um *problema*; ou tem-se

¹ A *orientação* ou *atitude natural* pode ser considerada como um nível de consideração sobre objetos/fenômenos de investigação. Caracteriza-se na superfície do fenômeno, tipicamente âmbito de pesquisa das ciências naturais, orientadas pela lógica causal e espaço-temporal, cercando o fenômeno a partir dessas objetividades. A conversão fenomenológica se configura pela mudança de atitude: da atitude/orientação natural (aspectos factuais do fenômeno) à atitude fenomenológica (aspectos essenciais do fenômeno).

a experiência e elabora-se a questão da pesquisa a partir dela. Em ambos os movimentos, a experiência – ou algum aspecto dela – é o objeto da investigação. O objetivo, fenomenologicamente, é colocar o objeto em movimento ou tomá-lo de determinada forma. Sendo assim, o objetivo é expresso como um verbo aplicado ao objeto. A título ilustrativo, em pesquisa fenomenológica, respeitando as variações de vertentes deste caminho epistemológico, *identificar* e *compreender* são verbos que, aplicados aos objetos, se adéquam ao tipo de caminho e princípio proposto pela fenomenologia. São momentos que expressam as etapas do método fenomenológico e sua implicação: *identificar* pode corresponder à *redução fenomenológica*, visando identificar a essência do fenômeno, e *compreender* pode estar mais em correspondência com a *redução transcendental*, sendo, grosso modo, a etapa de compreensão dos momentos de constituição da experiência na consciência do sujeito. Por fim, a delimitação de um objetivo de pesquisa de certo modo contém todas as etapas da mesma. Além do objeto e o tipo de olhar sobre ele, o objetivo contém o recorte contextual da área de conhecimento em que ele se insere e, como problema de pesquisa, como está vinculado a esta área – ou áreas, seguindo uma tendência atual de interdisciplinaridade na ciência. Este momento é elaborado na *introdução* do trabalho, contendo a *revisão bibliográfica*. Depois, os próprios verbos definidos no objetivo já indicam o modo de abordar e considerar o objeto; estes modos já indicam o método da pesquisa, incluindo os procedimentos e instrumentos para tal.

Ao definir o recorte do objeto e objetivo, tem-se também o perfil de sujeitos que comporão a amostra. Além disso, pode-se ter uma delimitação mínima do número de entrevistados, configurando-se e justificando-se a partir de dois aspectos relacionados com este tipo de investigação. Primeiro, e sobretudo, observa-se, no tocante à coleta, transcrição e análise em pesquisa qualitativa e, principalmente, no caso da pesquisa fenomenológica, a característica inviável e prescindível da tentativa de se aplicar alguma técnica de amostragem a qual defina estrita e estatisticamente o número de sujeitos para a participação das entrevistas. O tipo de entrevista proposto, bem como os ajustes epistemológicos, buscam atingir aspectos relacionados com a vida dos sujeitos, ou seja, tem como meta sua dimensão existencial – favorecendo-se o acesso analítico à vivência da própria pessoa e a compreensão da interioridade constituinte deste objeto enquanto convertido fenomenologicamente, isto é, enquanto fenômeno, aquilo que se dá à consciência. Desse modo, todo o propósito como o critério de validade das pesquisas quantitativas são incompatíveis com os pressupostos filosóficos que pautam este tipo de investigação (GIORGI, 2008).

ENTREVISTAS FENOMENOLÓGICAS

A elaboração do instrumento de coleta busca condizer com o tipo de investigação, isto é, a natureza do objeto e do objetivo solicita determinado instrumento. No caso da pesquisa envolvendo as experiências vividas de pessoas, remete-se a um meio que permita a narração das mesmas: tal instrumento pode ser denominado de *entrevista fenomenológica*. O instrumento de coleta não é definido como *método* da investigação; método é o caminho para se chegar em determinado lugar – cumprimento do objetivo e resposta do problema da pesquisa –, valendo-se de procedimentos e instrumentos adequados e específicos. As entrevistas podem ser baseadas em roteiros ou questionários, compostos de perguntas ou tópicos. Sinteticamente, esses roteiros podem ser organizados a partir do nível de estruturação: de *não-estruturados* a *estruturados*, havendo ainda o híbrido *semi-estruturado* (MANZINI, 2004). A estruturação se configura pelo número de questões e a relação entre elas, incluindo uma ordem lógica elucidativa – de solicitações gerais a específicas durante a entrevista – e/ou de complexidade – de questões mais simples para mais complexas. Esta tipificação esquemática se dirige mais ao processo de elucidação e aprofundamento próprio deste recurso metodológico da pesquisa qualitativa, não se confundindo com outros objetivos restritivos, como a comprovação de fatos e coleta de dados informativos. Estes cuidados específicos e relativos à elaboração de questionários e roteiros, bem como a compatibilidade entre os objetivos da pesquisa e os roteiros de entrevista, são bem esquematizados por Manzini (2004) e Kidder (1987).

Segundo Dale (1996, p. 310), a entrevista do tipo fenomenológica tem início a partir de uma questão que guiará o processo de coleta; ou seja, é uma questão norteadora e disparadora

da entrevista, estritamente implicada com o objetivo da pesquisa. Outra possibilidade, como exemplifica Stelter (2000), é a utilização de uma situação escolhida no momento da entrevista; o entrevistador solicita que a pessoa traga situações compatíveis com o propósito da entrevista e ambos combinam em partir de determinada experiência escolhida, como temática situada a ser explorada na continuidade da entrevista. O pesquisador/entrevistador, segundo Dale (1996, p. 313), encoraja o entrevistado a refletir sobre sua experiência e detalhá-la o máximo possível. Para tal, no decorrer do relato, destaca-se a atenção ao conteúdo relatado por parte do pesquisador/entrevistador, direcionando a entrevista ao conteúdo buscado e para elucidar possíveis pontos obscuros durante a narrativa. Quer-se o relato detalhado por parte do entrevistado de forma espontânea, possibilitando o acesso primeiro às experiências e percepções do sujeito. Sendo assim, há não somente a liberdade da manifestação deste tipo de conteúdo subjetivo na entrevista, mas a própria intenção de que assim seja para que se garanta o acesso fenomenológico pretendido.

As perguntas que surgem durante a entrevista demonstram o interesse e a curiosidade pelo o conteúdo narrado, não sendo possível estipulá-las prévia e restritamente. O despertar das perguntas nasce de um desconforto, de um vazio compreensivo que corresponde a um sentido não preenchido intuitivamente, não captado explicitamente naquilo que o faz, o sustenta, mas captado apenas como sentido aludido, referido, sinalizado, indicado ou insinuado. A questão retoma algo desse sentido vazio solicitando justamente que a experiência que implicitamente o faz seja dita a fim de que se o preencha. Assim como as perguntas pré-definidas e que constituem o roteiro, estas questões buscam suscitar no sujeito a retomada das experiências ou o aprofundamento/elucidação no momento da entrevista, e sua conseqüente descrição. Assim, a título ilustrativo, as perguntas que podem ser adequadas e podem favorecer tal intento se iniciam pela construção *o que é e como é* – construções com pronomes assumidas na forma interrogativa –, sempre remetendo à vivência da pessoa (p. ex., “como você vivenciou/vivencia...?”; “como foi/é para você...?”; “o que é essa experiência para você?”).

Além das perguntas estipuladas previamente, as quais constituem o roteiro de entrevista, essas perguntas dirigidas não pré-determinadas partem daquilo que aparece durante o relato; a função destas perguntas nesse processo aberto de coleta – próprio da pesquisa qualitativa – é de ir evidenciando o fenômeno e este se evidencia justamente porque a pergunta o solicita. Então, a pergunta se articula ao fenômeno. Não pretende partir de interpretações ou lampejos cognitivos de um dos interlocutores da entrevista, mas ela confirma o vínculo intersubjetivo presente. O aprofundamento durante a entrevista, nessa articulação fenômeno-pergunta, se dá por meio de um processo de retomada, confirmação e especificação do conteúdo relatado. O relato do sujeito pode se configurar, muitas vezes, em torno do fenômeno, sem aprofundá-lo ou adentrá-lo efetivamente na narrativa; o pesquisador/entrevistador, em sua postura atenta, busca dirigir e solicitar ao sujeito, por meio da pergunta, que aprofunde sua narrativa. Como propostas sugestivas da natureza deste tipo de questão, ver Stelter (2000) e Dale (1996).

A gravação e a posterior transcrição na íntegra da entrevista têm como objetivo fundamental a leitura dos relatos no momento da análise, permitindo ao pesquisador, num primeiro momento, a leitura atenta sobre o conteúdo e, posteriormente, já durante a análise, tentar apreender e descrever como se manifesta o objeto investigado. Além disso, este registro gráfico das entrevistas pode ser anexado à pesquisa, no caso de dissertações, teses e livros. Estes momentos da pesquisa também são destacados dentro do contexto de pesquisa em fenomenologia por Amatuzzi (1996) e Amatuzzi et al. (2006).

O esforço necessário para a coleta do relato do sujeito condiz com a caracterização do método desde a postura inicial do pesquisador/entrevistador para que esteja sempre atento no momento da entrevista, principalmente, ao relato do sujeito, testemunhando a experiência vivida do outro. O posicionamento do pesquisador/entrevistador é fundamental neste tipo de entrevista, segundo Stelter (2000, p. 69); a atenção para “chamar” a experiência se relaciona com a característica do aprofundamento em tal dimensão, segundo autor, “quieta”, tácita. O acesso ao estrato originário de uma experiência vivida, isto é, ao estrato corporal da experiência, não deve pretender tematizá-lo objetivamente, o que daria um caráter reflexivo a uma dimensão da experiência que não tem essa qualidade, embora nem por isso não se mostre, não se manifeste, mas é pré-reflexiva (p. 67), e, por tal peculiaridade, não emerge de maneira imediata e

racionalizada, exigindo etapas preparatórias metodologicamente bem orientadas segundo a fundamentação da fenomenologia.

Há, no tocante à relação pesquisador/entrevistador-entrevistado durante a entrevista, um posicionamento empático/entropático frente ao outro que é autorizado a relatar sobre a sua experiência vivida. Husserl e Edith Stein (1891–1942), sua aluna e assistente, mostram que “há um imediato colocar-se em relação aos outros mediante a empatia” (PEZZELA, 2003, p. 113). Segundo a mesma autora, ao falar dos escritos de Stein, “é necessária a abertura ao outro” como “um primeiro grau para a compreensão, possibilidade de entendimento, e só onde há a abertura e disponibilidade, existe a possibilidade de fundar uma comunidade que possa verdadeiramente dizer-se humana” (p. 115).

Ales Bello (2004) aborda a empatia/entropatia na relação entre os seres humanos, pois assim, reconhecendo no outro um outro eu (*alter ego*) – “o outro se manifesta como outro semelhante a mim: semelhante, não idêntico” (ALES BELLO, 2004, p. 118) e como “modo no qual os sujeitos humanos se reconhecem reciprocamente tais, sujeitos e não objetos” (ALES BELLO, 2003, p. 44) –, manifesta-se a intersubjetividade e, conseqüentemente, o reconhecimento da vivência estranha. Simplesmente, “não se trata propriamente de uma identificação, mas da possibilidade de uma proximidade” (ALES BELLO, 2004, p. 119) no presente caso, a se destacar na relação entre o sujeito e o pesquisador. O ato da empatia, portanto, fenomenologicamente, é:

Um instrumento natural, imediato, tipicamente humano através do qual se consegue colher e compreender os outros seres humanos, as suas vivências, os seus estados de alma, os sentimentos. Não é uma prática que se aprende ou aplica quando há necessidade, mas é co-natural ao ser humano, é o que consente o compartilhamento de prazer e dor com outros de maneira imediata (PEZZELA, 2003, p. 110).

Em relação ao papel da intersubjetividade e à empatia, pode-se abordar a elaboração de Ales Bello (2003, p. 46) sobre uma aquisição gradual da consciência própria através de uma contínua troca com o outro. Como bem trata Ales Bello (2004): “nós nos comunicamos no nível das estruturas, mas não quanto aos conteúdos” (p. 119-120) porque “nós temos as mesmas estruturas, porém cada um vivencia conteúdos diferentes, especificidades próprias, peculiaridades próprias” (p. 119). Husserl, então, colocava que a importância da vivência estava na sua estrutura fundamental (essência), que é universal, não no conteúdo, este último é diverso de um ser humano para outro.

De fato, quando me coloco em contato com aquele que considero outro de mim, mas semelhante a mim, *alter ego*, colho, intuo, apreendo, enfim empatizo aquilo que está vivendo, a sua vivência; nesta apreensão eu me dou conta de que ele/ela está vivendo, por exemplo, uma emoção, um sentimento, ou simplesmente uma percepção, mas está vivendo tudo isso em primeira pessoa como fato totalmente originário para ele ou para ela, mas não originário para mim; para mim é originário somente o fato que empatizo a sua situação, mas certamente não vivo o conteúdo de sua vivência que é incomunicável (ALES BELLO, 2007, p. 79).

Uma comunicação entre a relação empática e o momento da entrevista está naquilo que é suscitado junto ao entrevistador pela experiência relatada do entrevistado, chamando sua atenção para o esclarecimento intersubjetivo que se faz num ir e vir dialógico. Seguindo um caminho diverso das conversações comuns e cotidianas, orientadas em grande parte por um diálogo do tipo explicativo e informativo, há a importância da curiosidade pela experiência vivida correlativa ao objeto, isto é, a ênfase para que a fala do sujeito acerque e adentre as suas experiências vividas. Ao mesmo tempo, além da postura atenta do entrevistador, o interesse pelo seu objeto enquanto fenômeno deve estar focado, isto é, ele reconduzirá a entrevista para a experiência vivencial, caso haja o desvio para a experiência imprópria, conteúdos objetivados ou para temas alheios ao interesse da pesquisa.

Neste caso, a entrevista acerca da experiência vivencial, busca, sobretudo, a fala autêntica do sujeito, aquele silêncio que se rompe e expressa no relato algo que parece uma

nova coisa “des-coberta”, provavelmente nunca dita nem refletida, que é a vivência. Assim como abordado por AmatuZZi (2001b), van der Leeuw (1964) remete ao ato de “des-cobertura” da vivência, em que o fenômeno “se revela progressivamente” (p. 529); o fenômeno não é um produto do sujeito, “mas o fenômeno está junto de um objeto que se refere ao sujeito, e de um sujeito relativo ao objeto” (p. 529).

Vale destacar que a empatia é uma questão implícita para essa *entrevista fenomenológica*. O fenômeno recordado no momento da entrevista não é a vivência vivida novamente, mas trazida à tona, com sua intensidade relativa e própria. Contudo, só há tal possibilidade devido à presença de um *vínculo empático* entre o sujeito entrevistado e o entrevistador, este último também atuante como pessoa atenta, indagadora e curiosa, sobretudo para poder compartilhar e testemunhar a experiência narrada do outro. O momento da entrevista é permeado pela relação empática entre os dois que se desdobra na possibilidade da intersubjetividade, isto é, de um compartilhar algo essencial do movimento subjetivo. A empatia é entendida aqui como uma vivência, não como um estado psíquico relacionado à simpatia. Essa concepção tem como fundamento as análises fenomenológicas feitas por Edith Stein, que tratou o tema da empatia como objeto de sua tese de doutorado, publicada no formato de livro em 1917 (STEIN, 1998). A empatia, diferentemente de outras definições presentes na psicologia, é uma vivência que possibilita o reconhecimento do outro como outro eu, é o dar-se conta imediato (irrefletido e, portanto, não representativo) de que o outro é um ser humano, com possibilidades vivenciais iguais às minhas, mesmo que estas vivências sejam em seus conteúdos divergentes. Dessa feita, no momento da entrevista há a possibilidade da abertura ao outro, à sua experiência presente na narrativa, e de um momento de testemunho da vivência do outro. Portanto, é determinante uma preparação para o momento da entrevista e a elaboração de um roteiro de perguntas que permita o acesso à experiência do outro.

AmatuZZi (1992 e 2001a) aborda o tema da fala do sujeito, juntamente com a teorização de Maurice Merleau-Ponty (1908–1961), com duas distinções: a fala primária – originária ou autêntica – e a fala secundária. Esta última seria uma fala repleta de pré-definições, opiniões já conhecidas, como as chamadas “frases feitas”, o que caracteriza este tipo de fala como sem nenhuma novidade para o sujeito falante, um pensamento sobre pensamentos já realizados. A fala secundária se localiza na orientação pessoal ou existencial, isto é, já não se enquadra num tipo de orientação natural, constituída de fatos e pré-definições do tipo causa e efeito, mas é composta por conteúdos subjetivos, elementos que vão constituir a esfera da dimensão existencial, a qual é objeto de identificação no momento inicial de síntese dos relatos (primeira etapa analítica deste tipo de pesquisa). Já a fala autêntica é aquela que ultrapassa certo silêncio e manifesta-se, durante o discurso, como algo novo tanto para o sujeito como para o pesquisador, ocupando uma orientação fenomenológica. O relato nessa orientação permite que, após tomado o conjunto de entrevistas submetidas ao *cruzamento intencional*, haja a emergência do elemento constante e universal entre todas as experiências. Aponta-se, então, para a presença da empatia desdobrada como apreensão intersubjetiva imediata como o movimento vivencial que possibilita também a apreensão e a diferenciação intuitivas de ambos os tipos de fala, justamente no momento da entrevista. Esse reconhecimento pode-se dar, eventual e inicialmente, a partir de elementos textuais presentes no discurso, como a utilização dos pronomes pessoais em primeira ou terceira pessoa do singular e suas conjugações próprias, o que pode apontar para a fala autêntica ou a fala secundária, respectivamente. Outros elementos a serem percebidos podem ser o tipo de narrativa sobre a experiência, podendo ser mais um relato acerca da experiência, em que o sujeito a trata como objeto de reflexão, não ativando de fato uma recordação em primeira pessoa na tentativa de “re-viver” a experiência². Não obstante, esses elementos mais discursivos, mesmo podendo contribuir inicialmente para as análises, não representam a atuação do movimento vivencial da empatia se desdobrando intersubjetivamente na compreensão da experiência alheia justamente naquilo que nela existe de compartilhável, de estruturalmente comum, sendo este movimento mais implícito e indicando um tipo de apreensão

² Para orientações relacionadas às estratégias em relação aos procedimentos de entrevista em pesquisa fenomenológica, ver Stelter (2000).

e testemunho intuitivo por parte do pesquisador, o que significa tão somente a captação do sentido manifesto.

Todo o processo de análise pode ser desenvolvido de maneira proveitosa, seguindo os pressupostos metodológicos da fenomenologia, a partir de uma boa fundamentação e orientação da coleta dos relatos. Para isso, é necessário possuir um instrumento de coleta apropriado para que todo o fluir da narrativa esteja a todo o momento despertando conteúdos vivenciais, estes inseridos no contexto específico da experiência dos sujeitos. A elaboração de um roteiro de entrevista aberto direcionado às experiências vividas, juntamente, e, sobretudo, com o papel do pesquisador/entrevistador para direcionar a entrevista para a própria experiência do sujeito, são procedimentos de coleta que possibilitam o acesso às mesmas. Portanto, o esforço necessário para a coleta do relato do sujeito condiz com a caracterização do método desde a elaboração do instrumento de coleta.

De certo modo, a análise fenomenológica vem numa sequência adequada após a entrevista. A análise é o momento para se realizar a redução fenomenológica; na entrevista, ocorrem reduções de outra ordem: são direcionamentos que emergem a partir da própria resposta do sujeito. O momento da entrevista limita avanços e aprofundamentos de cunho mais analítico, ou seja, os aspectos essenciais da análise da entrevista inspiram, mas não se confundem com os direcionamentos à experiência no momento da entrevista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tematizar a entrevista fenomenológica como um procedimento metodológico em pesquisa qualitativa, orientada pela fenomenologia, possibilita ter como foco o processo como de pesquisa como um todo. Emerge-se daí a presença implicada de todas as etapas da investigação, atentando para o rigor de se defini-las e articulá-las adequadamente.

Elucidar os aspectos essenciais implícitos neste instrumento de pesquisa, como é o caso do vínculo empático, possibilita perceber que, além do rigor estrutural do fazer pesquisa, há o destaque e atenção para aquilo que é humano, enfatizando uma dimensão ética fundamental, propósito das ciências humanas quando fiéis à atenciosidade pelo outro. Porém, o diferencial da perspectiva fenomenológica é justamente poder tematizar – localizando, identificando, diferenciando, confirmando – tanto o objeto foco da pesquisa, como os passos da mesma, sem escapar do âmbito da mesma investigação. A elucidação de um dos passos da pesquisa, como foi a tentativa deste caso, permite observar toda a vinculação da investigação científica. Este movimento revela a preocupação constante com o rigor em pesquisa, a intenção de *voltar às coisas mesmas*.

BIBLIOGRAFIA:

ALES BELLO, A. **Edith Stein**: la passione per la verità. Pádova: Messaggero Padova, 2003.

_____. **Fenomenologia e Ciências Humanas**: psicologia, história e religião. Bauru: Edusc, 2004.

_____. **L'universo nella coscienza**: Introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius. Pisa: Edizioni ETS, 2007.

AMATUZZI, M. M. O silêncio e a palavra. **Estudos de Psicologia**, v. 9, nº 3, p. 77-96, 1992.

_____. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, v. 13, nº 1, p. 5-10, 1996.

_____. Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e Pesquisa Fenomenológica**: reflexões e perspectivas. São Paulo: Omega Editora, 2001a. p. 15-22.

_____. **Por uma Psicologia Humana**. 1ª ed. Campinas: Alínea, 2001b.

_____. A subjetividade e sua pesquisa. **Memorandum**, 10, p. 93-97, 2006.

AMATUZZI, M. M. et al. Pesquisa fenomenológica em psicologia e problemas éticos. In: **III Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos e V Encontro de Fenomenologia e Análise do Existir**, 2006, São Bernardo do Campo, SP. **Anais...** São Paulo: SEPQ; São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

DALE, G. A. Existencial phenomenology: emphasizing the experience of the athlete in sport psychology research. **The Sport Psychologist**, 10, p. 307-321, 1996.

FLICK, U. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman Companhia, 2004.

GIORGI, A. Concerning a Serious Misunderstanding of the Essence of the Phenomenological Method in Psychology. **Journal of Phenomenological Psychology**, v. 39, n. 1, p. 33-58, 2008.

HUSSERL, E. **Meditações Cartesianas – Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Madras, 2001.

_____. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

KIDDER, L. H. Questionários e entrevistas. In: _____. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1987. p. 15-48.

MANGANARO, P. **Verso l'altro – l'esperienza mistica tra interiorità e trascendenza**. Roma: Città Nuova, 2002.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, 2004, Bauru. **Anais...** São Paulo: SEPQ; Bauru: Universidade Sagrado Coração, 2004.

PEZZELA, A. M. Gli Altri e l'altro – L'empatia. In: _____. **L'antropologia filosofica di Edith Stein – indagine fenomenologica della persona umana**. Roma: Città Nuova, 2003. p. 110-115.

STEIN, E. **Il Problema dell'Empatia**. 2ª ed. Roma: Edizioni Studium, 1998. (Original em alemão publicado em 1917).

STELTER, R. The transformation of body experience into language. **Journal of Phenomenological Psychology**, v. 31, n. 1, p. 63-77, 2000.

VAN DER LEEUW, G. Epilogo – Fenomeno e Fenomenologia. In: _____. **Fenomenologia della Religione**. Torino: Universale Bollati Boringhieri, 2002. p. 529-535. (Original publicado em 1933).

Leandro Penna Ranieri E-mail: leandro.owen@gmail.com
Cristiano Roque Antunes Barreira E-mail: crisroba@gmail.com